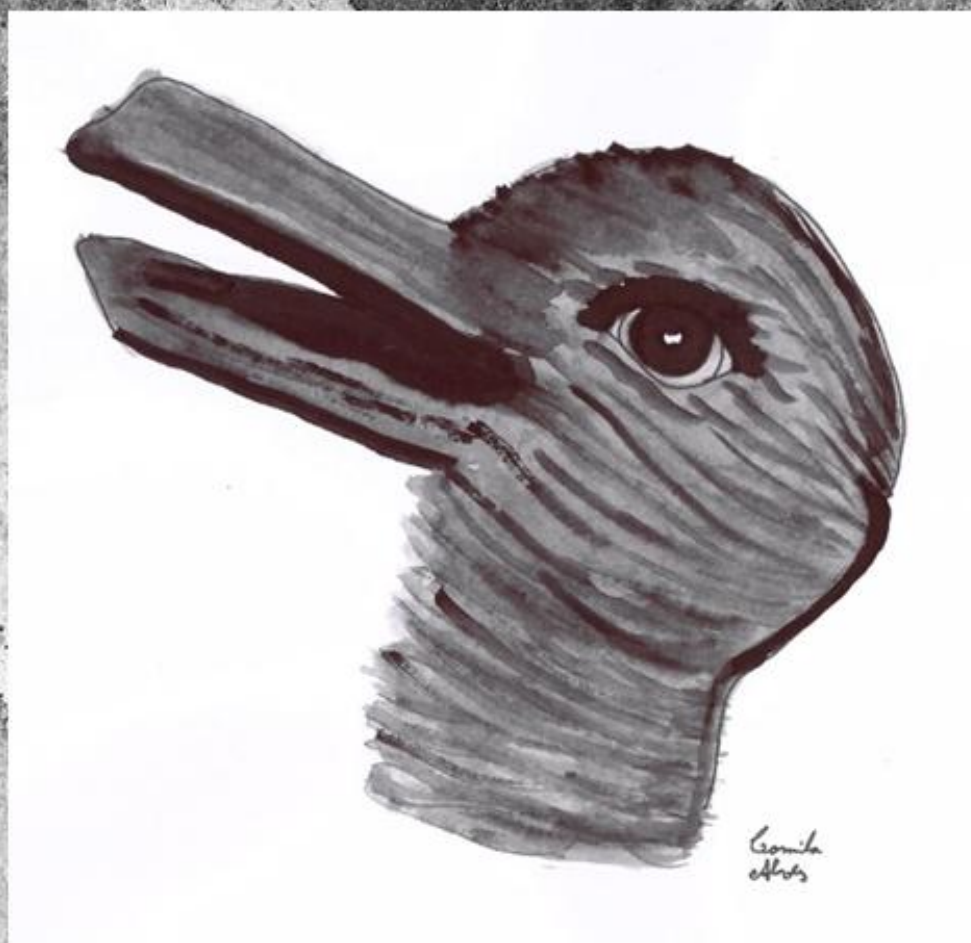
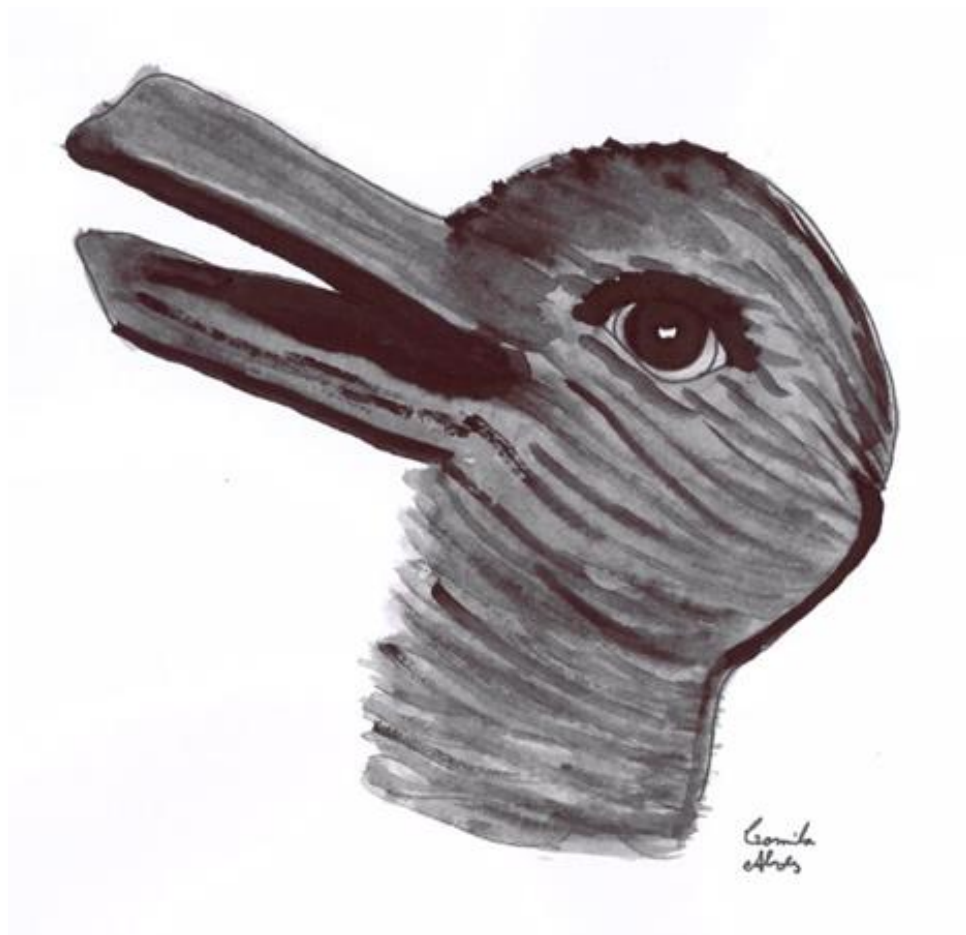


**PATOCOELHO E A TERAPIA FILOSÓFICA:
ENTENDEU OU QUER QUE EU DESENHE?**



Escrito e ilustrado por
Camila da Silveira Alves

**PATOCOELHO E A TERAPIA
FILOSÓFICA:
ENTENDEU OU QUER QUE EU
DESENHE?**



Escrito e Ilustrado por
Camila da Silveira Alves

A474p Alves, Camila da Silveira.
Patocoelho e a terapia filosófica : entendeu ou quer
que eu desenhe? / escrito e ilustrado por Camila da
Silveira Alves – 2023.
1 e-book.

1. Terapia filosófica. 2. Jogos de linguagem. 3. Ensino
da matemática. I. Título.

CDU 372.851

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecária: Amanda Schuster – CRB 10/2517)

Olá, meu nome é Patocoelho, mas pode me chamar de Pato, Coelho ou do que preferir, uma vez até me chamaram de Esquilo!

Estou aqui para te ajudar a entender um pouco mais sobre as ideias de Wittgenstein - eu sei, você achava que eu tinha problemas com nome- e para te ajudar a ver algumas situações por outra perspectiva e desconstruir conceitos e imagens exclusivistas.

Para isso vou contar com a ajuda dos desenhos, pois acho que levei muito a sério a frase: “entendeu ou quer que eu desene?”

Você está convidado a me acompanhar nesses dois capítulos, no primeiro, vou te apresentar os conceitos mais importantes de Wittgenstein, para que seja possível que entenda o que é Terapia Filosófica!

Já no segundo capítulo, vamos passar por diversos exemplos de onde a Terapia Filosófica pode ajudar a perceber alguns problemas de comunicação.

Pronto para adaptar-se, ressignificando e multiplicando os sentidos de diversas situações cotidianas e matemáticas comigo?



CAPÍTULO 1: CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM SEGUNDO WITTGENSTEIN



É importante que iniciemos por um dos conceitos chave de Wittgenstein que é o de jogo de linguagem. Segundo ele, uma palavra só tem sua verdadeira significação através do seu uso na linguagem e jogo de linguagem é “a totalidade formada pela linguagem e pelas atividades com as quais ela vem entrelaçada.” (WITTGENSTEIN, §7, p. 30, 1979).

Wittgenstein denomina jogos de linguagem ao conjunto indissociável, da linguagem e das atividades com as quais interagimos no mundo. [...] que são simplesmente semelhantes uns com outros, como os membros de uma família, constituindo o que denominou semelhanças de família. (CONDÉ, p. 217, 2004).

Wittgenstein defende a concepção de linguagem situada no terreno da prática, ou ainda, nos jogos de linguagem:

pode-se, para uma grande classe de casos de utilização da palavra ‘significado’ – se não para todos os casos de sua utilização –, explicá-la assim: a significação de uma palavra é seu uso na linguagem (WITTGENSTEIN. 1979. §43).

Diferentemente do que é difundido pelo senso comum, apreender uma linguagem seria muito mais do que treinar as definições de palavras e expressões. A perspectiva wittgensteiniana assume o ponto de vista de que os significados se constituem e se transformam em seus usos em diferentes contextos, portanto, podem variar conforme o jogo de linguagem de que participam.

Ou seja, a mesma palavra pode ter significados diferentes dependendo do contexto e as regras que foram atribuídas para ela.

Wittgenstein repensa o aprendizado da linguagem reposicionando o papel de nossa imaginação na construção da significação. Todo uso que damos aos signos pode ser repensado, não existe forma fixa, mas sim temporária e condicional de uso. Assim, identificará a doença que sua terapia filosófica pretende tratar: “O filósofo trata uma questão como uma doença” (§255, p. 96, 1979), afirmando que “uma causa principal das doenças filosóficas- dieta unilateral: alimentamos nosso pensamento apenas com uma espécie de exemplos” (§593, p. 156, 1979).



Por exemplo, imaginemos que, na tentativa de ensinar uma criança a falar, um adulto aponte para ela a imagem abaixo (imagem 1) e diga “isto é uma folha”. Ele estará designando esta imagem com a palavra “folha”. “A palavra ‘designar’ é talvez empregada de modo mais direto lá onde o signo está sobre o objeto que ele designa” (§15, p. 14, 1979).

Imagem 1: Folha

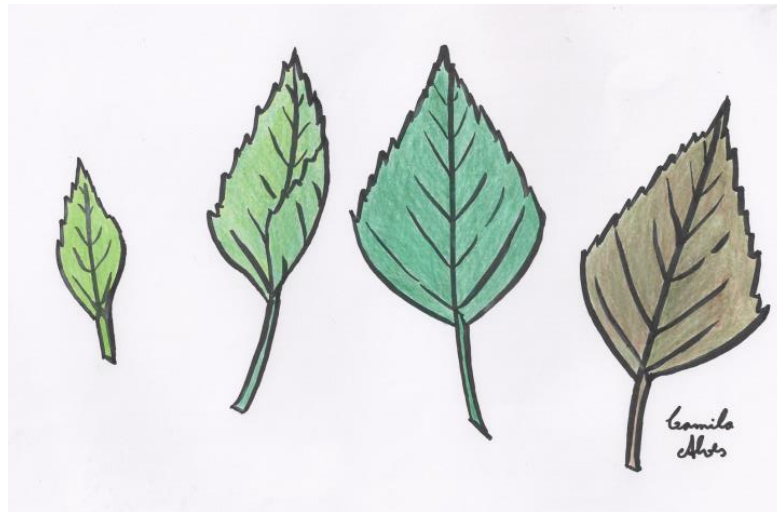


Fonte: própria autoria

A criança associará a palavra “folha” somente à imagem que lhe foi apresentada, pois “denominar algo é semelhante a colocar uma etiqueta numa coisa” (§15, p. 14, 1979). Só que, ao associarmos a palavra “folha” apenas a essa imagem, limitamos o seu significado e, por consequência, o mundo da criança. Suponhamos que o adulto agora apresente a imagem abaixo para a criança e diga “folhas”:



Imagem 2: Folha em diferentes estágios da vida



Fonte: própria autoria

Ao ser apresentada a imagem 1, que apresenta a mesma folha em diferentes estágios da vida, a quantidade de exemplos para a criança aumenta, pois ela saberá que, para ser uma folha, não precisa ser exatamente igual à da imagem 2. Porém, sua definição do que é folha ainda será muito presa à “etiqueta” apresentada.

“Mas não poderia haver tal modelo ‘geral’? Algo como um esquema de folha, ou um modelo verde puro?” (WITTGENSTEIN, §73, p. 41, 1979). Certamente, até poderia existir um modelo universal de verde puro, ou de qualquer outra coisa desejada, mas sempre haverá alguma irregularidade ou distinção que faça o modelo geral não contemplar todas as realidades.



Imagem 3: Diferentes espécies de folhas



Fonte: própria autoria

A imagem 3 apresenta diferentes espécies de folhas, o que evidencia que adotar um modelo geral de folha seria um fracasso. Então, como ensinar o que é folha?

O melhor modo de resolver esse problema é identificando o parentesco entre as imagens e transformando o conceito de folha em algo com múltiplos significados atrelados. Um exemplo de como aprendemos muitas vezes a etiquetar as coisas por meio do parentesco é como identificamos a abelha (imagem 4).



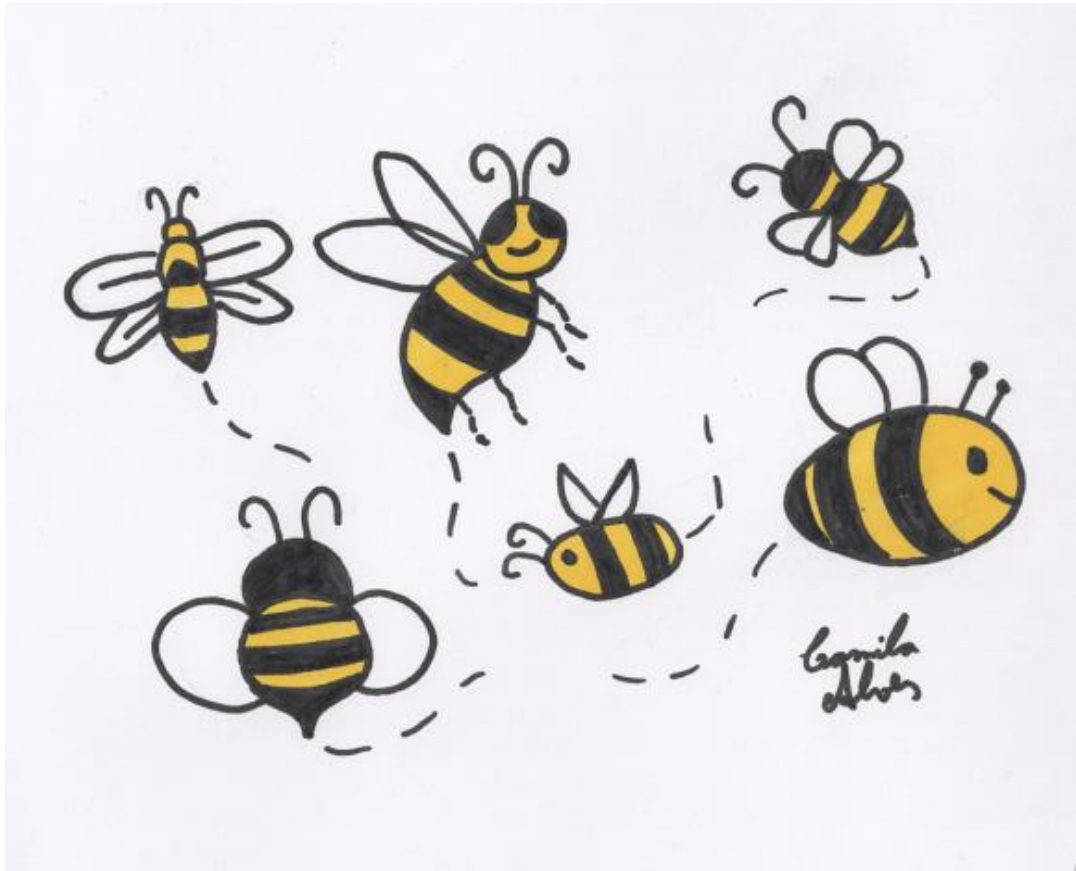
Imagem 4: Abelha

Fonte: própria autoria

Na imagem 4, vemos a representação de uma abelha de forma mais realista. Se isso representa uma abelha, o que explica que consigamos ver várias abelhas na imagem 5, mesmo que nenhuma ilustração desta imagem seja realista? Simples: identificamos várias abelhas mediante o conceito de parentesco, pois associamos a definição de abelha a um inseto que tem asas e listras pretas e amarelas; logo, essas características semelhantes remetem-nos à imagem de uma abelha.



Imagem 5: Diferentes signos de abelha



Fonte: Própria autoria

Para Wittgenstein (2009, p. 146), a língua não está “[...] no espírito ‘significados’ ao lado de expressões linguísticas; mas a própria língua é o veículo do pensamento[...]”. É ela que cria a realidade. Logo, quanto mais palavras conhecemos e quanto mais múltiplos os significados que essas palavras podem assumir, maior nosso mundo.

Para Wittgenstein a principal origem dos problemas filosóficos está na má interpretação da linguagem. Os filósofos examinaram a linguagem com base em sua forma, e não em seu uso. “A indizível diversidade de todos os jogos de linguagem cotidianos não nos vem à consciência porque as roupas de nossa linguagem tornam tudo igual”, diz Wittgenstein acerca da gramática superficial (1999, p. 202).



Wittgenstein crítica a forma como a filosofia é vista e tratada pelos filósofos que a enxergaram como se fosse uma só, como se possuísse uma essência cognoscível. “Uma imagem nos mantinha presos”, diz Wittgenstein (1999, p. 65).

Em vez de buscar uma essência, apresenta-se mais coerente compreender as proposições (por ex.: “toda barra tem um comprimento”, “todas as sensações são privadas”, “o tempo tem uma só direção”, etc.), cuja forma é típica em filosofia, como representações pictóricas da gramática: “Quando Wittgenstein diz que as proposições metafísicas são ‘carentes de sentido’ [...] devemos ter presente a distinção que ele pretende estabelecer: ‘se produz absurdos ao tratar de expressar mediante o uso da linguagem o que deve incorporar-se à gramática’” (FANN 1999, p. 113-114.).

Muitas das proposições gramaticais filosóficas são carentes de sentido pois confundem gramáticas, ou seja, utilizam um jogo de linguagem fora de seu contexto prático – o filósofo isola a palavra de seu uso prático, mas é apenas neste que a palavra adquire significado, “Todo signo sozinho parece morto. O que lhe dá vida? – No uso, ele vive” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 129). Logo, desse mau uso surgem os problemas filosóficos que segundo Wittgenstein não passam de problemas de linguagem, “[...] os problemas filosóficos nascem quando a linguagem entra em férias” (WITTGENSTEIN, 1999, p. 42).

A terapia filosófica defende a multiplicidade de sentidos como a solução dos problemas filosóficos, isso porque, aumentando-se a possibilidade de usos das palavras, diminuem os problemas de comunicação. Vale salientar que:

A filosofia não deve, de modo algum, tocar no uso efetivo da linguagem, em último caso, pode apenas descrevê-lo.

Pois também não pode fundamentá-lo. A filosofia deixa tudo como está.

Deixa também a matemática como está, e nenhuma descoberta matemática pode fazê-la progredir. Um “problema central da lógica matemática” é para nós um problema da matemática como outro qualquer. (WITTGENSTEIN,

§124, p. 56, 1979)

Em consequência, o âmbito da Filosofia na terapia filosófica é reduzido de maneira drástica, pois não é tarefa da filosofia resolver os problemas matemáticos por meio de descobertas lógico-matemáticas, mas sim evidenciar os problemas presentes na Matemática.



Não é tarefa da filosofia resolver a contradição por meio de uma descoberta lógica ou lógico-matemática. Mas tornar visível o estado da matemática que nos inquieta, o estado anterior à resolução da contradição. (E com isso não se elimina uma dificuldade.) (WITTGENSTEIN, §125, p. 56, 1979)

A terapia filosófica é sugerida, sobretudo, para ampliação dos conceitos e significados matemáticos, pois Matemática não costuma ser vista por um viés de multiplicidade.

O fato fundamental é que fixamos regras, uma técnica, para um jogo, e então, quando seguimos as regras, as coisas não se passam como havíamos suposto. Que portanto nos aprisionamos, por assim dizer, em nossas próprias regras.

Esse aprisionamento em nossas regras é o que queremos compreender, isto é, aquilo de que queremos ter uma visão panorâmica.

Isso esclarece nosso conceito de querer dizer. Pois naqueles casos, as coisas se passam diferente do que havíamos querido dizer e previsto. É exatamente o que dizemos quando, por exemplo, surge a contradição: “Não foi o que eu quis dizer”. (WITTGENSTEIN, §125, p. 56-57, 1979)

Logo, a educação Matemática só tem a ganhar com a multiplicidade de sentidos advindos da terapia filosófica, pois ela pode ser utilizada para muitos mal entendidos causados pelo privilégio de algumas significações serem vistas como soberanas e indissociáveis.



CAPÍTULO 2: EXEMPLOS DE PROBLEMA DE LINGUAGEM



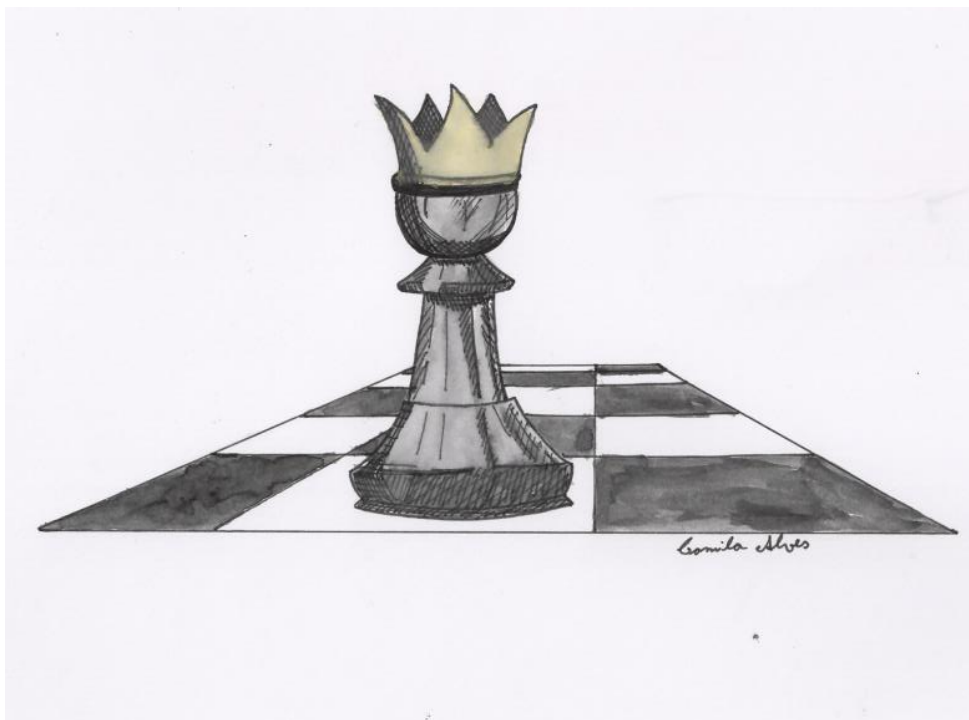


Neste capítulo serão apresentados alguns exemplos de problemas de linguagem a fim de mostrar a utilidade da multiplicidade de sentidos advinda da Terapia Filosófica.

EXEMPLO 1:

Primeiramente observe a imagem 6, ela apresenta uma representação de um tabuleiro do jogo de Xadrez, ou seria um tabuleiro de damas? Vamos considerar que seja de xadrez, já que está desenhado um peão, peça mais importante do jogo de xadrez, afinal é peça que tem em maior número em cada lado, logo, obviamente é a peça mais importante do jogo.

Imagem 6: Xadrez?



Fonte: Própria autoria



Se você joga xadrez, deve ter corrigido o parágrafo acima, dizendo que na verdade o Rei é a peça mais importante conforme as regras do jogo de Xadrez, já que ao perder o rei o jogo acaba. Mas para você que não joga, ou não conhece as regras, o significado da peça peão, pareceu bem convincente.

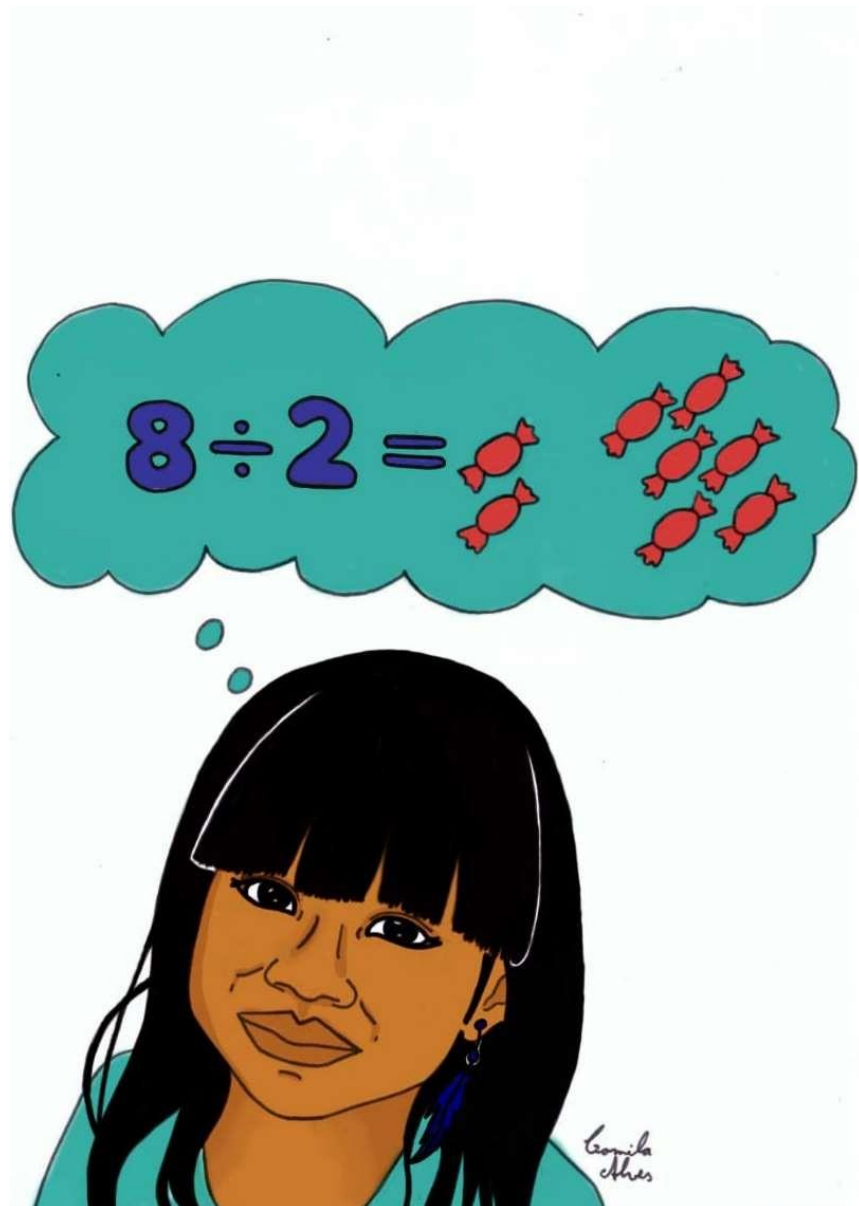
Seria impossível, que duas pessoas que atribuem significados diferentes para a mesma peça, joguem o mesmo jogo, jogar com regras diferentes seria uma confusão. Para jogar o mesmo jogo sem problemas é importante que ambos estejam cientes do mesmo conjunto de regras. Assim funcionam os jogos de linguagem e os problemas filosóficos.

EXEMPLO 2:

Vamos agora a um exemplo matemático, quando se ensina uma criança a dividir, por exemplo, é comum que para o professor o enunciado “efetue as divisões” seja visto como suficiente para que o aluno entenda que precisa dividir em partes iguais, pois para o professor esse é o significado – fixo e único – atrelado à operação de divisão. Porém, para um determinado aluno, a palavra *divisão* pode significar apenas dividir como representado na imagem 7.



Imagem 7: É só dividir!



Fonte: Própria autoria

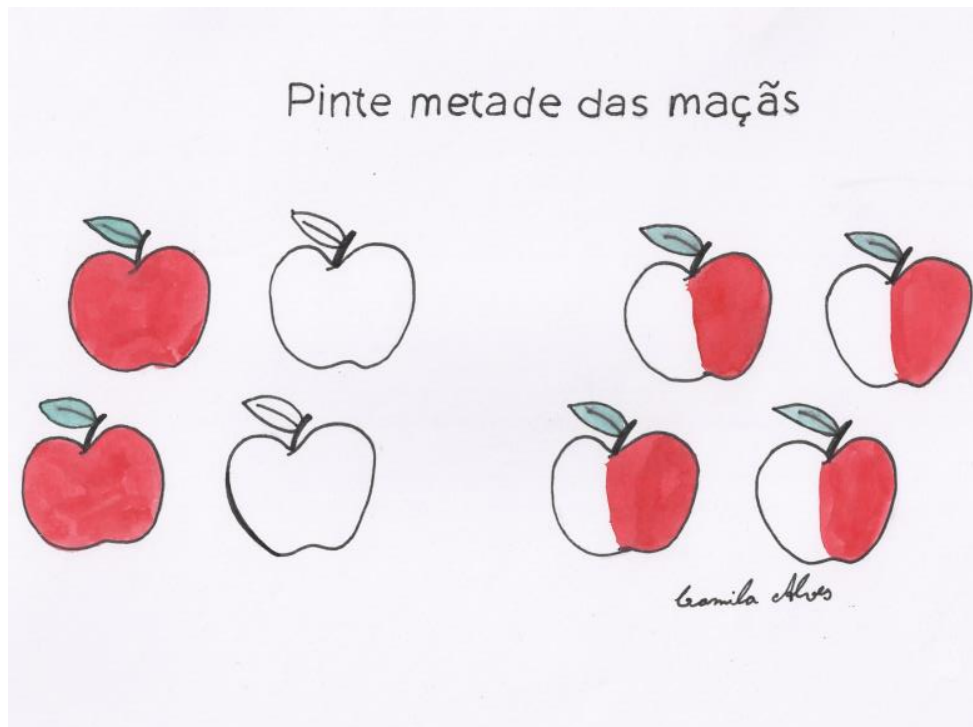
Logo, se ele efetuar a conta sem realizar uma divisão em partes iguais, ele estará correto no contexto em que ele entende a divisão, mas para o professor ele estará equivocado.



EXEMPLO 3:

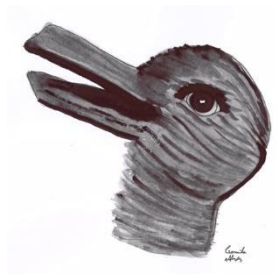
Outro exemplo retirado de salas de aula, é o de atividades que pedem para as crianças pintarem apenas metade da quantidade, afinal o professor espera que com esse enunciado a criança pinte metade da quantidade número de objetos apresentados, mas observe a imagem 8.

Imagem 8: É só pintar metade!



Fonte: Própria autoria

Não seria incomum que ao ler esse enunciado, a criança compreendesse que o comando pedido fosse para pintar metade de cada unidade apresentada. Logo, o sentido de metade foi compreendido diferente por cada parte e isso fica evidente em seu uso esperado.



EXEMPLO 4:

Observe a charge presente na Imagem 9, que representa uma situação entre dois alunos, provavelmente depois de aprender sobre ângulos na aula de matemática.

Imagem 9: Significados diferentes de Grau



Fonte: Própria autoria

Fica claro na charge a confusão do menino sobre o sentido de Grau, pois como para ele a palavra Grau, já remetia a temperatura, ao aprender sobre ângulos ele não percebeu ainda a multiplicidade de sentidos presentes nessa palavra.



EXEMPLO 5:

Então ao aprender que existe o sentido de grau para ângulo e grau para temperatura os problemas com essa palavra acabam? Observe a imagem 10.

Imagem 10: Graus diferentes



Fonte: Própria autoria

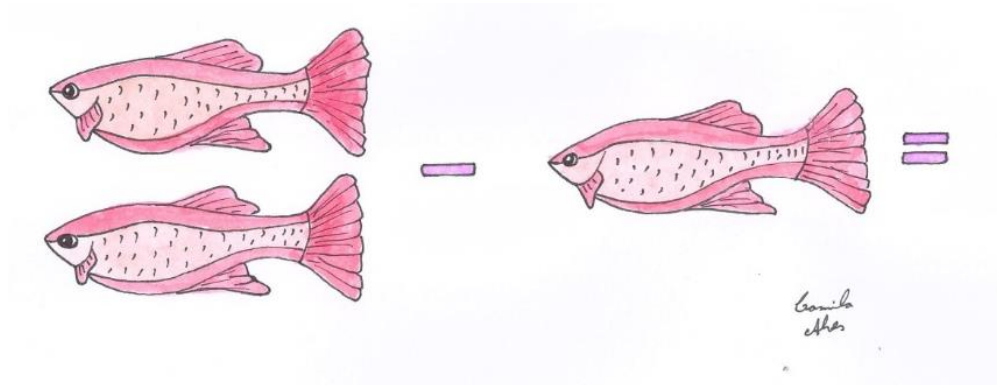
Não necessariamente acabam os problemas de comunicação, pois mesmo pensando somente em temperatura, ainda é importante lembrar de especificar qual sistema de medida está sendo usado.



EXEMPLO 6:

Essa confusão de sentidos acontece até mesmo com as definições matemáticas mais vistas como incontextáveis, afinal todos concordam que $2+2=4$ e que $2-1=1$, correto?

Imagem 11: Dar realmente significa menos?



Fonte: Própria autoria

Não, nem sempre menos significa realmente menos, é comum que em aldeias indígenas a palavra “dar” ,comumente associada à operação de menos na matemática tradicional, não tenha esse sentido, pois para eles, dar um peixe a um companheiro não significa ter menos peixes, pois quando a pessoa que pegou tiver, também irá compartilhar.



Espero que tenha gostado de aprender mais sobre Wittgenstein e a Terapia Filosófica e que de alguma forma sua realidade tenha se expandido. Que você, assim como, eu veja a importância da multiplicidade de sentidos.

Torço para que as ilustrações tenham sido úteis para sua reflexão, e para que ao chegar até esse ponto do nosso caminho, você também tenha mudado, assim como eu, Patocoelho, que ao longo do caminho e dos desenhos percebi que na verdade sou um...



REFERÊNCIAS:

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Anotações sobre as cores**. Tradução de João Carlos Salles Pires da Silva. São Paulo: Unicamp, 2009.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Da certeza**. Tradução de Maria Elisa Costa. Lisboa: Edições 70, 1969.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. Tradução de José Carlos Bruni. 2. Ed. São Paulo: Abril Cultural. (Os Pensadores), 1979.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. São Paulo: Abril, 1984.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Observações filosóficas**. São Paulo: Loyola, 2005.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Remarques sur les couleurs**. Paris: T.e.r., 1984.